ESPORTES

SELEÇÃO Amistoso contra o Chile vira passeio com goleada em dia de novo recorde de público em jogos femininos no Mané

Lugar melhor não há...

VICTOR PARRINI

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Nos três últimos compromissos antes da Copa do Mundo, Seleção acumulou vitórias contra Alemanha e Chile, além do empate diante da Inglaterra

Jogar por música é uma expressão de raro encaixe no futebol. Mas a Seleção Brasileira conseguiu isso ontem ao aplicar a sonora goleada por 4 x 0 sobre o Chile, ontem, no Mané Garrincha, com as assinaturas de Gabi Nunes, Duda Sampaio, Luana e Geyse, no último amistoso antes da estreia na Copa do Mundo na Austrália e na Nova Zelândia. Com as devidas adaptações à canção Faroeste Caboclo, do Legião Urbana, bem que Marta e companhia poderiam ter cantado: "Fomos a Brasília. Neste país, lugar melhor não há".

Para a Seleção Brasileira, talvez não haja mesmo. Ontem, a equipe verde-amarela disputou a nona partida no Mané Garrincha desde a reforma concluída em 2013. Elas jamais perderam sob os olhares brasilienses. Agora, são sete vitórias e dois empates, com aproveitamento de 85%. Os números e a atuação no último teste antes da caça ao inédito título mundial reforçam a sensação de um trabalho bem feito pela técnica Pia Sundhage.

Se a Seleção Brasileira correspondeu em campo às expectativas, nas arquibancadas, a torcida brasiliense deu um show de comportamento. Ao contrário do que acontece na maioria dos estádios do país, não houve gritos homofóbicos e sequer perseguição com xingamentos à árbitra uruguaia Anahi Fernández.

Dá para dizer que a Copa do Mundo já começou para a Seleção Brasileira. A delegação embarcou hoje, às 5h, de um voo fretado do Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek com destino a Brisbane. Depois, pegará um ônibus até Gold Coast, no litoral australiano. Serão mais de 24h de viagem. Agora, não há margem para erros. A missão mais nobre dos quase quatro anos de preparação sob a batuta da técnica Pia Sundhage pede isso.

As 23 convocadas pela treinadora sueca — mais três suplentes em caso de baixas — formam um conjunto sólido. O cenário é diferente do vivido pelas chamadas pelo técnico Vadão para a disputa do Mundial de 2019, na França. Até a Rainha Marta exalta o poder coletivo. "O quanto a gente se dedica para se manter em alto nível. Graças a Deus, tenho pessoas ao meu redor que me ajudam bastante, companheiras fantásticas. Eu jamais conseguiria isso sozinha, porque é algo surreal", disse na saída do gramado.

O entrosamento entre Marta e as "parças" é tamanho que a titularidade absoluta na Copa do Mundo está fora da pauta da camisa 10. Na convocação da Seleção em 27 de junho, Pia Sundhage revelou que a jogadora de 37 anos não deve aparecer entre as 11 iniciais durante o Mundial. "Não conversei com ela (Pia Sundhage) sobre isso. As coisas sempre aconteceram de forma natural. Tenho noção que não sou a Marta de 20 anos atrás, mas a maior felicidade é ver que, independente de eu estar em campo, tem muitas jogadoras que vão representar a Seleção com amor e carinho", discursou ao SporTV.

Marta sequer participaria do amistoso de ontem. Ela está em fase final de recuperação após lesão no joelho esquerdo. Mesmo assim, a arquibancada pediu e Pia atendeu. A jogadora entrou aos 28 minutos completou a festa. A possível despedida da maior artilheira do reformado Mané Garrincha, com seis gols, contribuiu diretamente para a atualização do maior público do futebol feminino no principal palco esportivo da cidade. Esqueça os 15.262 presentes da goleada por 5 x 0 sobre o mesmo Chile, em 22 de dezembro de 2014.

"Tenho noção que não sou a Marta de 20 anos atrás, mas a maior felicidade é ver que, independente de eu estar em campo, muitas jogadoras vão representar a Seleção com amor e carinho"

Marta,
atacante da Seleção Brasileira

15.892

foi o público presente na despedida da Seleção antes do embarque para a Copa. É o novo recorde do futebol feminino no DF

Análise da notícia

Vitória ao estilo Pia

MARCOS PAULO LIMA

Fiz uma entrevista exclusiva com a treinadora Pia Sundhage em 2019. Ela havia acabado de dizer "sim" à CBF e topado assumir a Seleção Brasileira feminina. No bate-papo, a técnica indiciou a fórmula para o sucesso na nova empreitada. "Se eu conseguir aplicar a mentalidade vencedora dos Estados Unidos e a organização defensiva da Suécia nós poderemos fazer um grande trabalho".

Os grandes trabalhos de Pia são autorais. Tinham um sistema de jogo definido: 4-4-2. Assim jogava, por exemplo, a seleção dos Estados Unidos bicampeã olímpica em Pequim-2008 e Londres-2012, e vice-campeão da Copa do Mundo em 2011 na derrota para o Japão. A Suécia medalha de prata nos Jogos Olímpicos do Rio-2016 também tinha esse desenho. Claro, sempre com variáveis.

Pia iniciou a goleada por 4 x 0 contra o Chile neste domingo, no Mané Garrincha, usando a velha fórmula. Na despedida do Brasil antes do embarque para a Copa do Mundo na Austrália e na Nova Zelândia, a Seleção usou como ponto de partida o 4-4-2.

A linha defensiva é praticamente imutável. A goleira Lelê teve à frente as laterais Antônia e Tamires e a dupla de zaga formada por Kathllen e Rafaelle. O meio de campo contou com Ana vitória e a brasiliense Nycole Raysla abertas nas pontas. Duda Sampaio e Luana Bertolucci construíam pelo centro. Todas elas responsáveis por abastecer Geyse e Gabi Nunes.

Há outro fator relevante na formação inicial. Pia mandou a campo um time com média de idade de 27,6 anos. Os Estados Unidos tinham 25,6 e 28, respectivamente, nas duas conquistas douradas. A Suécia tinha exatamente 27,6 anos na prata de 2006, nos Jogos do Rio-2016. Qualquer semelhança não é mera coincidência. Pia é pragmática, fria e calculista.

A sueca gosta de usar a cabeça. A escola escandinava de futebol — feminina e masculina — recorre bastante à bola aérea. Assim foram construídos dois dos três gols no primeiro tempo: cruzamentos das pontas e finalizações impecáveis. Na primeira, a ponta candonga Nycole Raysla presenteou Gabi Nunes. Na segunda, a lateral Antônia serviu Duda Sampaio. Gols de cabeça!

O Brasil apresentou alternativas pelas pontas e pelo centro. Parceira de Duda Sampaio nos desarmes e na construção pelo meio, Luana Bertolucci fez o gol mais bonito. Finalização impecável no ângulo esquerdo da goleira chilena Antonia Canales. Indefensável.

Os mais ranzinzas dirão que o Chile é um adversário frágil e está fora da Copa. Vale refrescar a memória: as chilenas estiveram na edição passada, na França, e terminou em terceiro lugar em uma chave dificílima. Estados Unidos e Suécia avançaram em primeiro e segundo, respectivamente. O técnico Luis Mena assumiu a La Roja recentemente e inicia o ciclo para 2027.

Como esperado, a imposição aumentou na etapa final. Os lados do campo eram o melhor atalho para gol. Se Antônia deu assistência no primeiro tempo, Tamires assumiu esse papel no lance do quarto gol. Colocou a bola na cabeça de Geyse e dilatou o placar para 4 x 0 no Mané Garrincha. Contra o Chile, Pia conseguiu combinar a mentalidade vencedora dos Estados Unidos e a organização defensiva da Suécia. Usou as pontas e as bolas cruzadas para a área como velho recurso escandinavo para superar o Chile em um simulado para duas partidas contra adversários similares na Copa do Mundo: Panamá e Jamaica.

A França é outro patamar. Demandará um planejamento de jogo bem mais minucioso da comandante verde-amarela. Exigirá o melhor de Marta. A Rainha teve o nome gritado, entrou em campo, mas aquém do nível de excelência. A boa notícia é que Pia preparou o Brasil para se virar sem a jogadora seis vezes melhor do mundo. Foi assim na Finalíssima contra a Inglaterra e no amistoso com a Alemanha. Na mesma entrevista de 2019, Pia diz o seguinte sobre Marta: "Quero uma equipe coesa. Essa é a minha meta, o meu objetivo. Uma estrela precisa de um trabalho de equipe e uma equipe precisa de uma estrela". Marta é a cereja do bolo. Portanto, o que vier da nossa fora de série é lucro.

TÊNIS

Com Bia no páreo, Wimbledon começa hoje

Emmanuel Dunand/AFP



Bia Haddad busca superar histórico de lesões para ir longe em Londres

A temporada de Grand Slams segue em ritmo intenso. Hoje, será autorizado o primeiro saque para a versão 2023 da disputa no tradicional gramado de Wimbledon, em Londres. Como de praxe, o torneio reunirá os principais nomes da raquete e atualizará os rankings mundiais masculino e feminino.

Entre os homens, Novak Djokovic e Carlos Alcaraz são cotados como favoritos. Eles protagonizaram a semifinal de Roland Garros, em junho. O sérvio levou a melhor e depois se tornou o maior vencedor de Grand Slam, com 23 troféus. Número um do mundo, o espanhol está confiante após o primeiro título na grama, no ATP 500 de Queens, também na capital inglesa.

No feminino, Beatriz Haddad ensaia nova campanha surpreendente. Número 13 do ranking da WTA, a paulista de 27 anos desistiu da participação em Birmingham para concentrar as atenções em Wimbledon. Além da brasileira, a cazaque Elena Rybakina busca o bicampeonato. Entretanto, a líder do ranking, a polonesa Iga Swiatek, tentará dificultar a vida das adversárias nas quadras inglesas.

Não somente de Bia Haddad viverá o tênis brasileiro em Wimbledon. O país também será representado por Thiago Monteiro na chave masculina simples. Nas disputas por duplas, também entrarão em ação: Luisa Stefani, Marcelo Melo, Marcelo Demoliner e Rafael Matos.

Ingrid campeã de WTA

Ingrid Martins conquistou, ontem, o primeiro título de WTA da carreira. Ao lado da bielorrusa Lidziya Marozava, ela faturou o troféu das duplas do WTA 250 de Bad Homburg, na Alemanha. O triunfo veio após os 2 sets a 0, parciais de 6/0 e 7/6 (7/3), sobre a japonesa Eri Hozumi e a romena Monica Niculescu.

"Muito feliz com essa conquista e, principalmente, pela forma como atuamos. Evoluímos nosso jogo na grama, que não é uma superfície à qual estamos acostumadas. Lidamos com muitas adversidades, mas superamos e saímos com a conquista", comemorou a carioca. **(VP)**

Giro Esportivo



Divulgação/Volleyball World

Vitória no vôlei

O Brasil venceu a Tailândia na Liga das Nações, ontem, por 3 sets a 0. O próximo desafio será a China, no dia 13, pelas quartas de final nos Estados Unidos.



Reprodução/Redes sociais

Ouro na meia martona

O mineiro Johnatas Cruz conquistou o título do Sul-Americano de meia maratona, na Bolívia. Ele completou o percuso de 21,09km em 1h04min41s.



Ricardo Bufolin/CBG

Prata na ginástica

Camilla Gomes faturou a prata na Copa do Mundo de ginástica de trampolim, em Portugal. Ela obteve 56,090 pontos e ficou atrás apenas da chinesa Zhu Xueying.



Divulgação/COB

Thiago Braz sem pódio

Thiago Braz não esteve no melhor dia no salto com vara da 7ª etapa da Diamond League. Ele alcançou 5,62 m, a melhor marca dele na temporada, mas ficou em sexto.